

Catástrofe

VILELA, Luiz. *A cabeça*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002

O que o título do texto sugere?
Lembra alguma imagem? Qual?
Convida à leitura?

- gr. katastrophê.ês 'agitação, transtorno, ruína, desastre', lat. tar. catastrôpha.ae 'mudança de fortuna para o bem ou para o mal, desenlace, solução; desfecho no fim de um poema ou de uma composição teatral', prov. pelo fr. catastrophe (1552) 'fim, desenlace, desfecho, final feliz ou infeliz'; hist. 1679 catastrophe, 1698 catástrofe.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009

Na opinião de vocês, Catástrofe é um bom título?

Para qual gênero de texto?

Onde foi publicado?

- Vai ser uma catástrofe!
- O que eu podia fazer?
- Você podia ter dito pra ela não vir.
- Eu ia dizer uma coisa dessas?
- Por que não?
- Uma pessoa me telefona dizendo que quer vir passar uns dias na minha casa: aí eu digo pra ela não vir?
- Por que não?

- Você diria?
- Claro que eu diria.
- Pois eu não.
- Eu diria: "Escuta, fulana, eu fico muito feliz de você ter se lembrado de mim e da minha casa, mas seria melhor você não vir, porque meu marido não só não apreciava visitas, como também, e principalmente, não apreciava crianças, tanto é que nós não as temos".

**Pelo início do diálogo das personagens,
como a conversa continuaria?**

Dá para imaginar como são as personagens?

- Muito engraçado... Já imaginou eu dizendo isso pra ela ou pra quem quer que seja?
- Você não disse; o resultado aí está: eles vêm.
- São só seis dias, Artur.
- Só seis dias...
- Ela quer aproveitar a Semana da Criança.

- E nós com isso?
- Ela queria dar um presente para os meninos, e aí ela escolheu esse passeio.
- Muito bonito: ela dá o presente, e nós pagamos a conta...
- Ela me disse: "Mimi, sabe de que os meus filhos estão precisando? Sabe de quê? Eles estão precisando de um banho de interior".

Quem são Mimi e Artur?

Como o autor caracteriza essas personagens?

Em que cenário se dá esse diálogo?

Qual é o passeio que os meninos tanto precisam?

Quem se arrisca a dizer?

- Se depender de mim, eles vão ter é um banho de sangue.
- "Você acredita, Mimi, você acredita que até hoje alguns dos meus meninos nunca viram uma galinha de verdade?"
- Por que eles não vão a uma granja? Perto de São Paulo existem dezenas.
- Ah, Artur; você sabe que não é isso.
- Então é o quê?
- Você sabe que... É como a Dininha disse: "Uma galinha passando na rua, os pintinhos atrás...".
- Galinha passando na rua...
- "A galinha ciscando..."

- Essa sua amiga é maluca...
- São essas coisas, entende? São essas coisas que ela quer...
- É maluca sua amiga.
- Não, maluca ela não é, não.
- Começa pelos filhos. Ou melhor: por ter filhos, já que ter filhos é um ato de insanidade mental.
- Ter filhos é um ato de amor, Artur.
- Os ratos que o digam.
- Ter filhos...
- Já começa por aí, por ter filhos; agora, ter sete, sete filhos: isso é a própria loucura.

- Por quê?
- Porque é.
- Eu não acho.
- E os nomes? Os nomes dos moleques...
- O que é que tem os nomes?
- Repete aí pra mim...
- Pra quê?

- Repete...
- Dagoberto, Delmiro, Dilermando, Donato, Durango, Dorval e Durval.
- Santa Maria...
- Os dois últimos são gêmeos.
- Bem feito. Deus castiga.
- Eu tenho muito dó da Dininha; muito. Já pensou, ser abandonada na vida, com sete filhos pequenos?...

Por que Artur está tenso?

Como é o tom do diálogo entre Mini e Artur?

O casal está brigando?

Qual o motivo de Mimi sentir dó da Didinha?

Será o número de filhos, os nomes estranhos dos moleques?

— Eu imagino o cara: um dia ele olhou ao redor, viu aquele bando de meninos e aí pensou: “Meu Deus, o que é que eu fiz?...”. Pegou então a maleta, saiu de fininho e caiu no mato.

— Além do mais, a Dininha foi minha amiga de infância, minha melhor amiga. É um jeito de eu agora ajudá-la; de nós dois a ajudarmos.

— Ajudar...

— O que é hospedar por alguns dias uma família?

— Isso não é uma família, é uma horda.

— Nossa casa é grande; nós temos recursos, felizmente...

— O problema não é esse, Mimi; o problema nem é a nossa paz, que eles vão perturbar.

— Então qual é o problema?

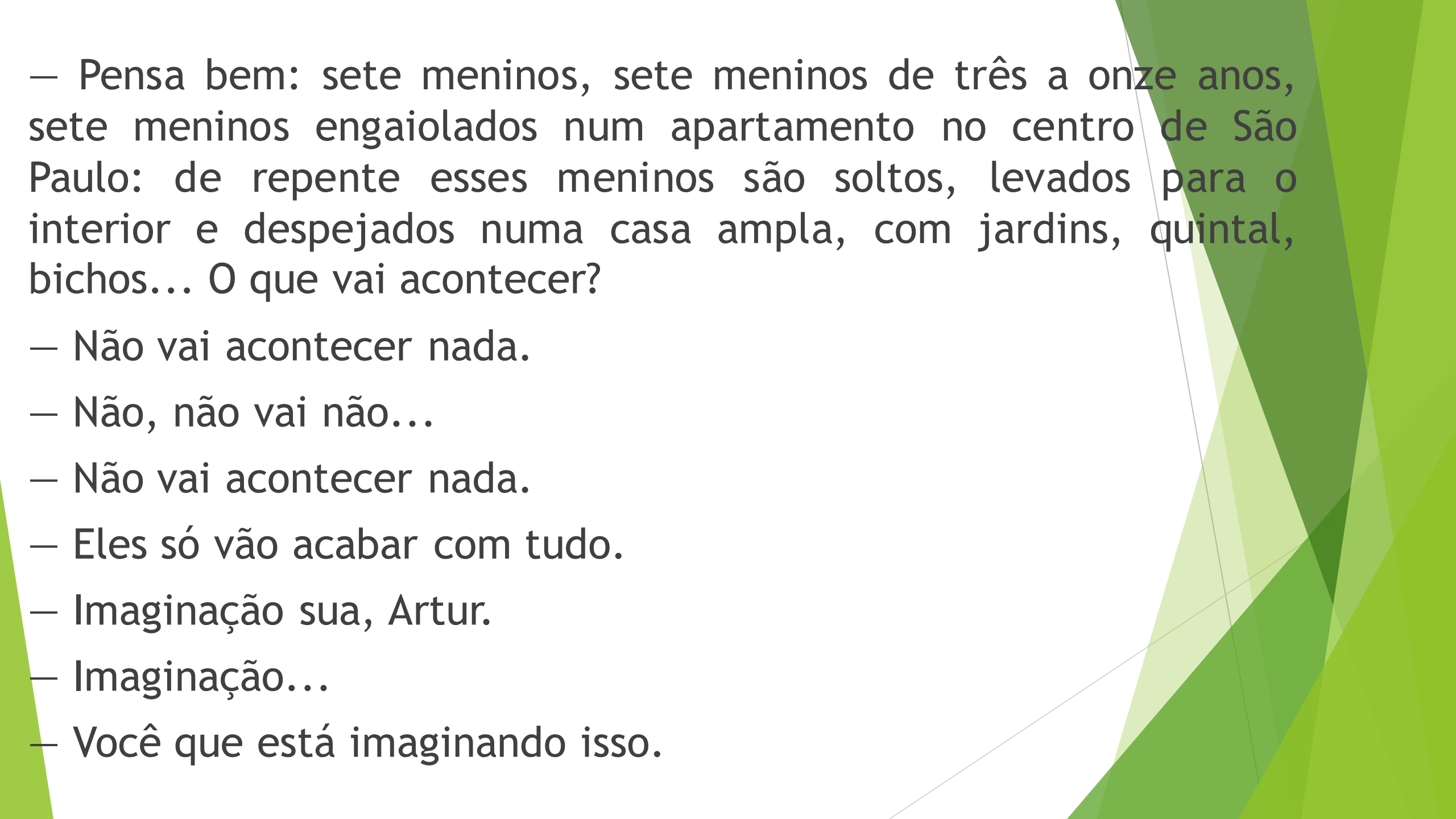
- O problema é que eles vão acabar com tudo!
- Acabar com tudo como?...
- Acabar com tudo, tudo o que tem aqui: acabar com os quadros, com as esculturas, os tapetes, as orquídeas, os bichos; eles vão acabar com tudo!
- Como você pode dizer isso, se você nem conhece os meninos, Artur?
- É preciso?
- Você nem sabe como eles são.
- É uma equação, Mimi; uma equação matemática.
- Equação...

O que tanto preocupa Artur?

Por que Artur usa o substantivo “horda” quando se refere à família de Dininha?

Será que a equação está relacionada com a guarda dos valiosos bens do casal?

Que pistas o conto oferece para você descobrir qual é a equação?

The background of the slide features abstract, overlapping green geometric shapes, primarily triangles and polygons, in various shades of green, creating a modern and dynamic visual effect.

— Pensa bem: sete meninos, sete meninos de três a onze anos, sete meninos engaiolados num apartamento no centro de São Paulo: de repente esses meninos são soltos, levados para o interior e despejados numa casa ampla, com jardins, quintal, bichos... O que vai acontecer?

— Não vai acontecer nada.

— Não, não vai não...

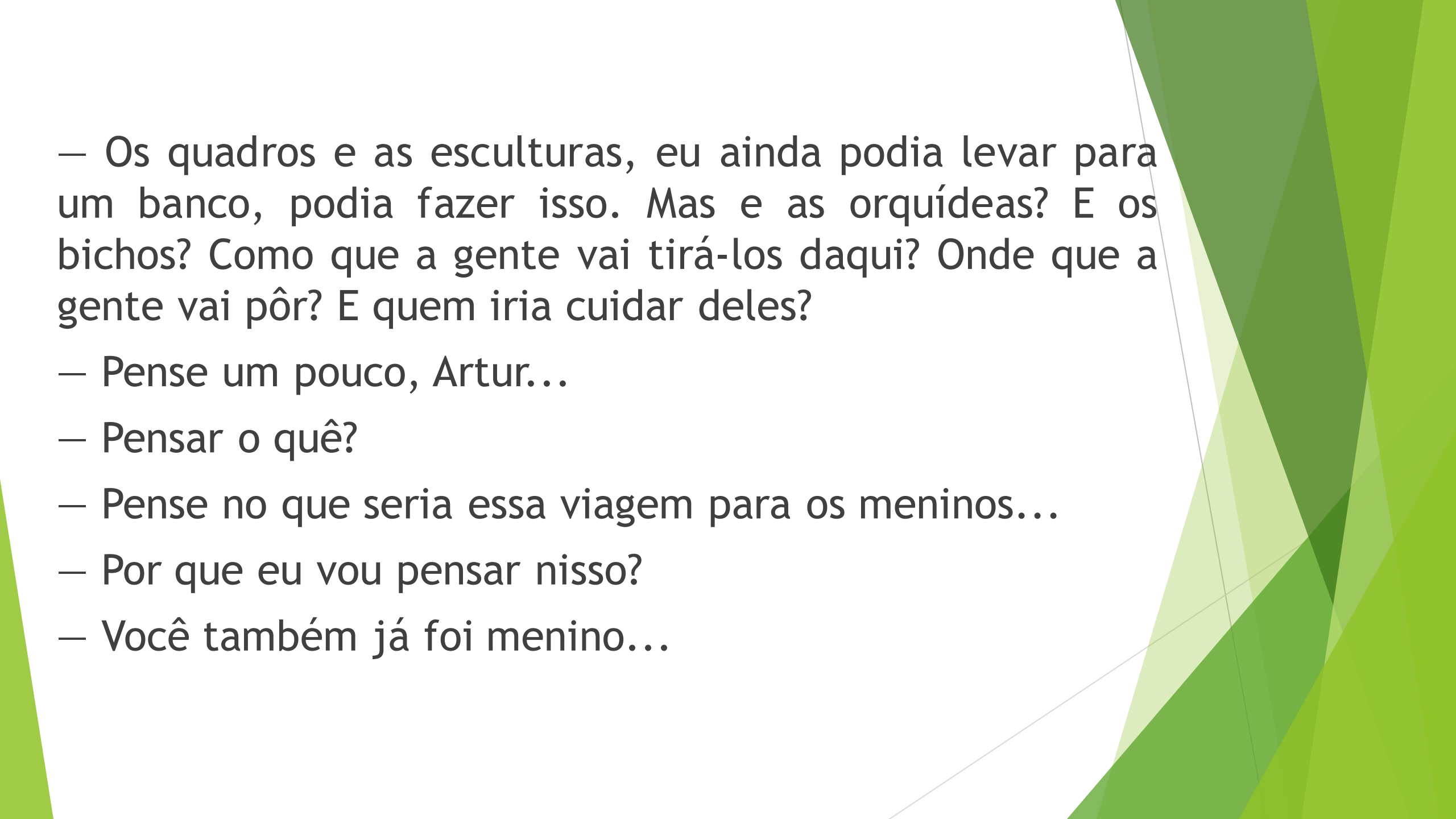
— Não vai acontecer nada.

— Eles só vão acabar com tudo.

— Imaginação sua, Artur.

— Imaginação...

— Você que está imaginando isso.

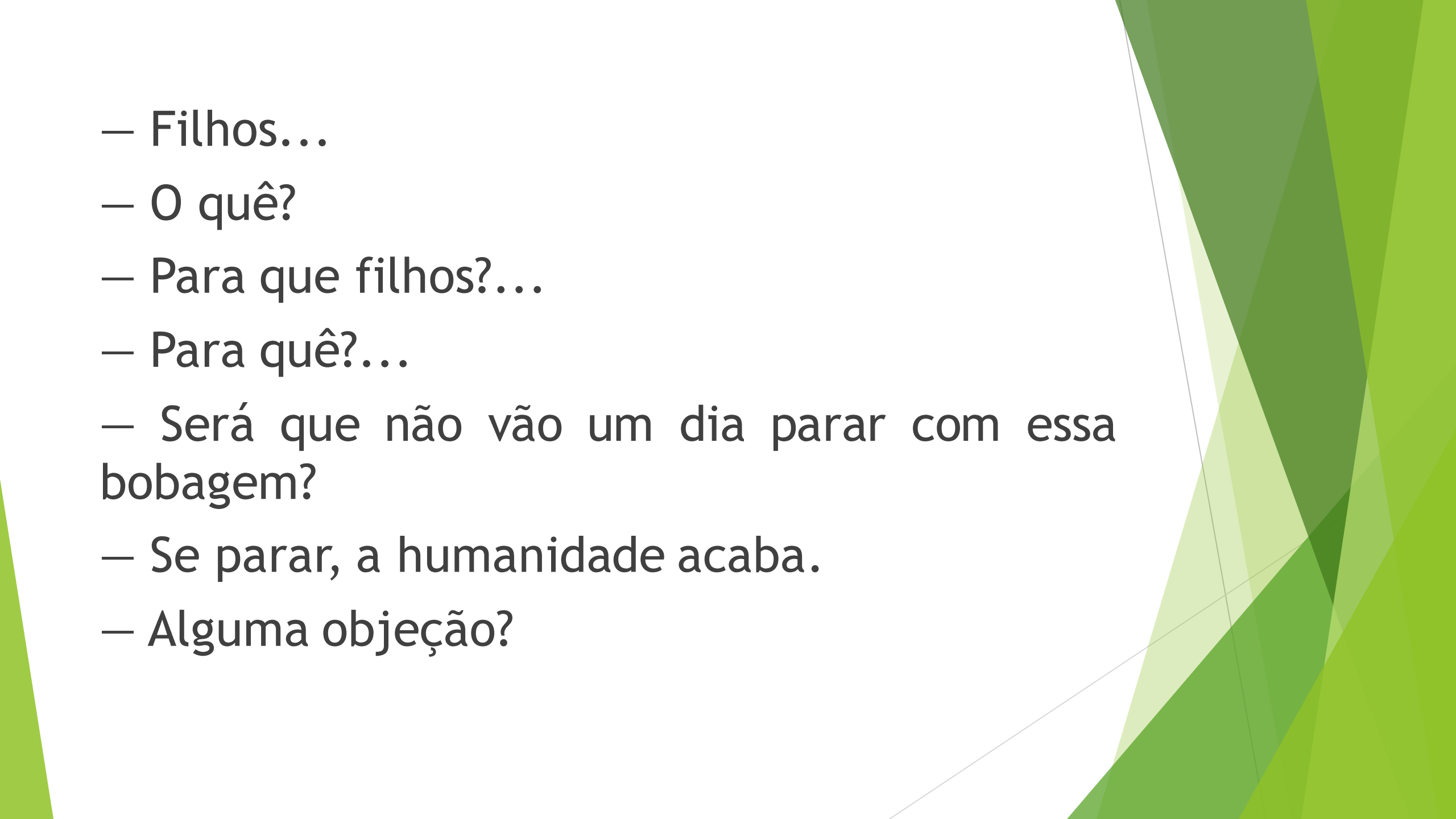
- 
- The background of the slide features abstract, overlapping geometric shapes in various shades of green, ranging from light lime to dark forest green. These shapes are primarily located on the right side of the slide, creating a modern, layered effect.
- Os quadros e as esculturas, eu ainda podia levar para um banco, podia fazer isso. Mas e as orquídeas? E os bichos? Como que a gente vai tirá-los daqui? Onde que a gente vai pôr? E quem iria cuidar deles?
 - Pense um pouco, Artur...
 - Pensar o quê?
 - Pense no que seria essa viagem para os meninos...
 - Por que eu vou pensar nisso?
 - Você também já foi menino...

Dá para imaginar o Artur menino?

Onde vivia?

O que fazia?

- Já, já fui, e dou graças por não ter sido menino de capital e por nunca ter morado em apartamento; e, se mais alguma coisa preciso acrescentar, por ter visto galinhas desde pequeno.
- Você também já foi filho...
- Fui, embora não exatamente por minha vontade. Mas, de qualquer forma, posso dizer que ter sido filho foi, pela mãe que eu tive, a melhor coisa de minha vida.
- Então? A Dininha também está querendo ser uma boa mãe para os filhos dela.

- 
- The background of the slide features abstract, overlapping green geometric shapes, primarily triangles and polygons, in various shades of green, creating a modern and dynamic visual effect.
- Filhos...
 - O quê?
 - Para que filhos?...
 - Para quê?...
 - Será que não vão um dia parar com essa bobagem?
 - Se parar, a humanidade acaba.
 - Alguma objeção?

- Se não fossem os filhos, uma hora dessas nós dois não estaríamos aqui.
- Nem estaria essa debilóide nos ameaçando com essas sete pragas, com essa catástrofe.
- Bom: nós já falamos muito.
- Já.
- Vamos encerrar?
- Vamos.
- Eu não vou fazer nada.

- Não.
- Eles vêm.
- É.
- Eu até já vou comprar uma lata de biscoitos.
- E eu uma caixa de balas.
- Balas? Você?...
- Balas de revólver, my dear.

O que mais chamou a atenção e surpreendeu você na leitura do conto?

Concordam ou discordam da posição do autor?

Gostaram do desenrolar da trama?

Tudo o que devia ser dito no diálogo foi dito? O que têm a dizer sobre o desfecho?

"Catástrofe", de Luiz Vilela

Stopmotion produzido para a atividade de pausa protocolada proposta na Revista Na Ponta do Lápis nº 22.

Créditos: Texto: Luiz Vilela Roteiro: Equipe da Comunidade Virtual Escrevendo o Futuro Animação: Jéssica Nozaki Fotografia: Luiz Ribeiro Vozes: José Alves como "Artur" / Jéssica Nozaki como "Mimi" Edição: Jéssica Nozaki e Luiz Ribeiro Trilha sonora e desenho de som: Luiz Ribeiro e Jéssica Nozaki Mixagem e masterização: LR Estúdio

<https://www.youtube.com/watch?v=FBMbB1dRA4Q>

Colega Professor(a), veja aqui mais sugestões de abordagem desse texto:

Ensinar leitura lendo

Uma estratégia que estimula a leitura em camadas, selecionando e parando em trechos específicos da história, de modo a provocar a curiosidade e a análise do leitor durante o próprio ato de ler.

<https://www.escrevendoofuturo.org.br/EscrevendoFuturo/arquivos/968/NPL22.pdf>
página 28

Um abraço fraterno, Else